

Índice

Prefácio	7
Os WATSONS	21
Notas de Tradução	81

PREFÁCIO

Jane Austen

É provável que, se Miss Cassandra Austen tivesse levado a sua avante, nada mais tivéssemos de Jane Austen do que os seus romances. Só nas cartas à irmã mais velha ela era realmente franca; só a ela confiava as suas esperanças e, se acreditarmos nos rumores, também a grande decepção da sua vida; mas quando Miss Cassandra Austen foi ficando mais velha e a fama crescente da irmã a fez suspeitar que estaria próximo o tempo em que os estranhos se intrometeriam e os académicos especulariam, queimou, embora com grande pesar, todas as cartas que pudessem satisfazer-lhes a curiosidade e guardou apenas as que considerou demasiado triviais para suscitarem interesse.

Assim, o nosso conhecimento de Jane Austen provém de rumores, de algumas cartas e dos seus livros. Quanto aos rumores, os que sobreviveram à sua época nunca são de menosprezar; com alguns ajustes, servem admiravelmente os nossos propósitos. Por exemplo, Jane «não é nada bonita e é muito recatada; nem parece uma menina de doze anos... Jane é caprichosa e afetada», diz da prima a pequena Philadelphia Austen. Temos depois Mrs. Mitford, que conheceu as Austens na adolescência e achava Jane

«a mais bonita, mais tonta e mais afetada borboleta namoradeira que jamais conhecera». A seguir temos uma amiga anónima de Miss Mitford «que é agora visita da casa [e] diz que ela se transformou no mais direto, preciso e taciturno pedaço de “solitária bem-aventurança” que já existiu, e que, até Orgulho e Preconceito¹ ter mostrado a joia preciosa que se escondia naquele estojo inflexível, ela era tão respeitada socialmente como um atizador ou um guarda-fogo... O caso agora mudou muito de figura», continua a dizer a velha senhora; «ela continua a ser um atizador — mas um atizador de quem toda a gente tem medo... Um espírito brilhante, delineador de carácter, mas que não fala é realmente terrível!» Claro que do outro lado há os Austens, uma raça pouco dada a manifestações autopanegíricas, mas apesar disso dizem que os irmãos de Jane «eram muito seus amigos e estavam muito orgulhosos dela. Estimavam-na pelas suas virtudes, talentos e modos cativantes, e cada um deles gostava de encontrar semelhanças entre alguma filha ou sobrinha e a sua querida irmã Jane, cuja réplica perfeita contudo não desejavam vir a encontrar». Encantadora mas direta, amada pela família mas temida pelos estranhos, de língua afiada mas coração terno — estes contrastes não são de modo algum incompatíveis, e quando considerarmos os romances daremos por nós a tropeçar também nas mesmas complexidades da escritora.

Para começar, a menina recatada, caprichosa e afetada, que Philadelphia achava não se assemelhar nada a uma criança de doze anos, iria ser em breve a autora de uma história bem pouco infantil, Amor e Amizade², que, por mais incrível que pareça, foi escrita aos quinze anos. Aparentemente, foi escrita como forma de entretenimento para a sala de aula; uma das histórias do

1 *Orgulho e Preconceito*, Jane Austen, trad. José Miguel Silva, Relógio D'Água, Lisboa, 2023. (N. R.)

2 *Amor e Amizade* in *Jack e Alice; Amor e Amizade*, Jane Austen, trad. Frederico Pedreira; Inês Dias, Relógio D'Água, Lisboa, 2017. (N. R.)

mesmo livro é dedicada com jocosa solenidade ao irmão e uma outra está primorosamente ilustrada pela irmã com cabeças pintadas a aguarela. Tudo isto são graças que sentimos como coisas de família, remoques satíricos que eram levados para casa, porque todos os pequenos Austens troçavam em conjunto das senhoras que «suspiravam e desmaiavam no sofá».

Os irmãos e irmãs devem ter rido com gosto quando Jane leu em voz alta o seu último ataque aos vícios que todos eles abominavam. «Morri mártir da minha mágoa pela perda de Augustus. Um desfalecimento fatal custou-me a vida. Cuidado com os Desfalecimentos, Querida Laura... Enlouquece quantas vezes quiseses, mas não desmaies...» E lá desatou ela, tão depressa quanto conseguia escrever e mais depressa ainda do que conseguia soletrar, a contar as incríveis aventuras de Laura e Sophia, de Philander e Gustavus, do cavalheiro que conduzia uma carruagem entre Edimburgo e Stirling dia sim dia não, do roubo da fortuna que estava guardada na gaveta da mesa, de mães famintas e filhos que representavam Macbeth. Sem dúvida a história deve ter arrancado sonoras gargalhadas na sala de aula. No entanto, nada é mais óbvio do que esta rapariga de quinze anos, sentada no seu canto da sala a escrever, não para arrancar uma gargalhada ao irmão e às irmãs, nem para consumo familiar. Estava a escrever para todos, para ninguém, para a nossa época, para a sua própria época; por outras palavras, mesmo com tão pouca idade, Jane Austen já era escritora. Sentimo-lo no ritmo, na harmonia e na sobriedade das suas frases. «Ela não passava de uma jovem simples e bem-disposta, amável e delicada; portanto, era quase impossível antipatizar com ela — ela era apenas um objeto de desprezo.» Uma frase como esta é escrita para sobreviver às férias de Natal. Espirituoso, fácil, divertido, aproximando-se na sua liberdade do puro disparate — Amor e Amizade é tudo isso; mas que nota é esta que nunca se funde com o resto, que ressoa distinta e penetrantemente por todo o livro?

É o som de gargalhadas. É a menina de quinze anos a rir-se do mundo no seu canto.

As meninas de quinze anos estão sempre a rir. Riem quando Mr. Binney se serve de sal em vez de açúcar. Quase morrem de riso quando a velha Mrs. Tomkins se senta em cima do gato. Mas no minuto seguinte estão a chorar. Não possuem distanciamento de observação que lhes permita ver que há algo de perpetuamente risível na natureza humana, algo que é inerente a homens e mulheres e suscita eternamente a nossa sátira. Elas não sabem que Lady Greville, que desdenha, e a pobre Maria, que é desdenhada, são figuras permanentes em todos os salões de baile. Mas Jane Austen sabia-o desde o dia em que nasceu. Uma daquelas fadas que se empoleiram nos berços deve tê-la levado consigo num voo de reconhecimento mal ela veio ao mundo. E, quando foi de novo colocada no berço, não só já sabia como era o mundo como até já tinha escolhido o seu reino e concordado que, se pudesse reinar sobre esse território, não cobiçaria nenhum outro. Assim, aos quinze anos, tinha poucas ilusões sobre os outros e nenhuma sobre si mesma. Tudo o que ela escreve está pronto, acabado e resolvido na sua relação não com o presbitério, mas com o universo. Ela é impessoal e imperscrutável. Quando Jane Austen, a escritora, escreveu, na cena mais notável do livro, um pouco da conversa de Lady Greville, não há vestígios de raiva pelo desprezo de que a filha do clérigo, Jane Austen, um dia foi alvo. O seu olhar segue diretamente para a marca, e nós sabemos precisamente onde está essa marca no mapa da natureza humana. Sabemos porque Jane Austen se mantinha fiel a si mesma, nunca ultrapassando as suas próprias fronteiras. Nunca, nem mesmo aos quinze anos, uma idade emocionalmente instável, ela se retraiu por vergonha, obliterou um sarcasmo num espasmo de compaixão ou rasurou um plano numa bruma de êxtase. Espasmos e êxtases, parece ter dito, apontando com a varinha, acabam ali; e a linha de fronteira é perfeitamente visível. Mas ela não

nega que luas, montanhas e castelos existam — do outro lado. Tem até uma paixão. Pela rainha dos escoceses. Ela realmente admirava-a muito. «Uma das primeiras personagens do mundo», assim se referia a ela, «uma princesa encantadora cujo único amigo era então o duque de Norfolk, e são agora Mr. Whitaker, Mrs. Lefroy, Mrs. Knight e eu própria.» Com estas palavras, a sua paixão é rigorosamente circunscrita e rematada com uma risada. É curioso lembrar o que escreveram as jovens Brontës, não muito tempo depois, no seu presbitério a norte, sobre o duque de Wellington.

A menina recatada tornou-se «a mais bonita, mais tonta e mais afetada borboleta namoradeira» que Mrs. Mitford jamais conheceria, e, além disso, autora de um romance chamado Orgulho e Preconceito, que, escrito às escondidas atrás de uma porta que rangia, passou muitos anos fechado na gaveta sem ser publicado. Pensa-se que pouco depois começou a escrever uma outra história, Os Watsons, mas por alguma razão a história não a satisfaz e deixou-a inacabada. Os produtos de segunda de um grande escritor valem a pena ser lidos porque nos oferecem a melhor crítica às suas obras-primas. Aqui são mais visíveis as dificuldades da jovem Jane Austen, e o método usado para as ultrapassar não está tão habilmente dissimulado. Para começar, a rigidez e o despojamento dos primeiros capítulos provam que ela se encontra entre aqueles escritores que lançam os factos a seco para o papel numa primeira versão e depois voltam atrás vezes sem conta para os enquadrarem e revestirem com carne o esqueleto da história. Como teria isso sido feito no caso dela, não podemos dizer — por meio de que supressões, inserções e hábeis artifícios. Mas o milagre teria acontecido; a história enfadonha de catorze anos de vida em família ter-se-ia convertido em mais uma dessas primorosas caracterizações, feitas aparentemente sem esforço, em que jamais seríamos capazes de perceber a quantas páginas de trabalho insano Jane Austen tinha su-